

MARCO SANTAGATA (2014).

*L'amoroso pensiero.*

*Petrarca e il romanzo di Laura.*

Milano: Mondadori, pp. 227.

O livro de Marco Santagata editado sob título de *L'amoroso pensiero. Petrarca e il romanzo di Laura* situa-se num ponto de confluência entre ensaio de erudição, biografia e narrativa romanesca. Logo à partida, o jogo tem tanto de escorrito como de arriscado. Se os apreciadores inveterados do lendário manto que recobre a vida de Francesco Petrarca e o seu amor por uma Laura que em sua opinião indubitavelmente encontrou na Igreja de Santa Clara, em Avinhão, no dia 6 de Abril de 1327, poderão ficar desiludidos pelos limites do *romanzo*, os estudiosos de Petrarca poderão estranhar o sumário desenvolvimento do *amoroso pensiero*.

Na verdade, é a biografia a conferir a chancela a esse duplo estatuto de história e ficção, acomodando eventuais tenções entre os dois planos. O catálogo da casa editora insere o volume numa das várias categorias de *genere* que propõe, intitulada *Biografie e memoirs*. Já em 2011 Marco Santagata nela publicara *L'io e il mondo. Un'interpretazione di Dante*, dedicado à vida de Dante Alighieri, um *best seller* ao qual se seguirá, como o sugerem vários indícios, este novo sucesso de público. A selecção dos acontecimentos da biografia de Petrarca, o modo como são apresentados e a ordem que lhes é conferida respondem a objectivos pragmáticos que fazem confluir, sem porém os fundir, horizontes de expectativa diferenciados. Um dos maiores méritos deste livro consiste, pois, na forma como leva até ao grande público conteúdos de ordem ensaística, numa formulação apelativa. Petrarca sai das páginas das revistas especializadas e passa para as mesas das livrarias, num lance abrangente cujo rigor só está ao alcance dos grandes mestres.

A apresentação do volume é muito cuidada, numa encadernação rígida que apenas leva as letras do título, coberta por uma sobrecapa colorida com

um pormenor de *Gli effetti del Buon Governo in città* de Ambrogio Lorenzetti e com um retrato de Petrarca do século XVI, separados por uma barra com o título do livro na mesma grafia, e que na outra parte tem pormenores de um manuscrito decorado dos *Triumphs* do século XV. Prevê e simula, desde logo, dois tipos de leitor e dois grandes níveis de interpretação, repartidos entre a sobriedade da capa da encadernação e o carácter apelativo da sobrecapa que a envolve.

A operação comunicativa da qual brota *L'amoroso pensiero. Petrarca e il romanzo di Laura* tem por fulcro, pois, o apelo à leitura e a valorização da literatura como tesouro da humanidade, partindo de um escritor primordial, num ímpeto de resistência à relegação dos grandes autores para a academia, por exclusão. A matéria tratada ilustra esse objectivo de forma palmar, na medida em que Francesco Petrarca foi o primeiro grande poeta da época moderna e as palavras através das quais contou o seu amor perduraram até à contemporaneidade.

«In Occidente, la moderna poesia d'amore nasce com Francesco Petrarca»: é com esta asserção que a biografia se abre. A palavra que diz amor é explorada a partir da obra do poeta que, de há sete séculos a esta parte, tem vindo a inspirar o lirismo amoroso do Ocidente europeu, o Cancioneiro. Na verdade, Petrarca conferiu um título em latim à compilação das suas composições em língua vulgar, *Rerum vulgarium fragmenta*, mas a fama que ganhou fez com que ficasse conhecida, através do tempo, como o Cancioneiro (il Canzoniere, com maiúscula e sem itálico), por antonomásia.

Quando se fala do valor de Petrarca, o confronto com Dante é inevitável. Dante era o poeta cuja leitura dizia evitar, programaticamente, para dele se distanciar, e afinal aquela grande sombra projectada sobre quanto escrevia. Pertencia à mesma geração de seu pai e partilhou com ele os caminhos do exílio político que os obrigou a abandonarem Florença e a Toscana. Ser Petracco di Parenzo levou consigo a família e acabou por se estabelecer em Avinhão. Dante errou por várias cidades de Itália, num percurso existencial agitado, mas que muito favoreceu a difusão da sua obra. De entre os autores ligados aos primórdios da literatura europeia escrita nas diversas línguas modernas, Dante Alighieri distingue-se como pertencente à categoria dos fundadores, em virtude do seu contributo para a implantação de géneros novos. A *Commedia*

é um poema que refaz a *Eneida* de Virgílio. A correspondência que troca com Giovanni del Virgilio traz para a ordem do dia o bucolismo. Mas Dante, de tão particular que era, diferiu a atracção imitativa. Diferentemente, Petrarca é o poeta que parte da tradição (latina, occitana, stilnovista) para a revisitar, através de uma linha de continuidade que oferece ocasião aos seus seguidores, ou mais simplesmente a todos aqueles que continuam a falar de amor com as suas palavras, de se incluírem num dos mais portentosos movimentos de reafirmação do humano, a ponto de desconhecer descontinuidades.

Devem-se a Marco Santagata estudos sobre Dante e Petrarca que têm vindo a introduzir algumas das mais inovadoras perspectivas críticas que surgiram nos últimos anos. Recordem-se o monumental comentário ao Cancioneiro (1996, 2004), e a edição comentada das obras de Dante que está a coordenar (vol. 1, 2012; vol. 2, 2014), aliando uma revisão crítica de várias questões colocadas pela filologia dantesca à interpretação actualizada da letra do texto. Nesse sentido, *L'amoroso pensiero. Petrarca e il romanzo di Laura* situa-se na senda de um livro que mudou o rumo dos estudos petrarquianos, *I frammenti dell'anima. Storia e racconto nel Canzoniere di Petrarca* (1994, 2011), como se transvasasse a sua matéria para um outro *genre*. Este ensaio fora dedicado ao deslindamento, no seio de um quadro filológico e crítico bastante intrincado, das modalidades de construção e ordenação do Cancioneiro, tomando como referência os manuscritos que atestam vários momentos da sua elaboração, bem como o diálogo textual que se vai estabelecendo entre as obras a que Petrarca contemporaneamente se dedica, em particular o *Secretum* e as recolhas epistolares, e com recurso, sempre que possível, a uma fundamentação baseada em documentos de arquivo. Por essa via, Santagata desmistificou inequivocamente as ficções com que o poeta alimentou a sua história de amor e que os seus leitores credibilizaram, como a carta a Giacomo Colonna, bispo de Lombez, na qual conta ao seu suposto interlocutor quanto o faz sofrer o seu amor por Laura (*Fam.* 2. 9), ou a nota acerca da morte de Laura gravada sobre a folha de guarda do precioso manuscrito, decorado por Simone Martini, que contém obras de Virgílio e de outros aurores, actualmente pertencente à biblioteca de Milão, o designado *Virgilio ambrosiano*.

Mas, para além disso, Marco Santagata é também um romancista reconhecido, que em 2003, com o romance *Il Maestro dei santi pallidi*, recebeu o

prémio Campiello, um dos mais altos palmarés do panorama italiano e europeu. O estudioso de Petrarca já em 2000 fizera do poeta protagonista do seu romance *Il copista*, para o apresentar sob uma perspectiva inusitada. Não é o homem no fulgor dos seus dias que retrata, mas o idoso na curva descendente da vida, que, dobrado sobre o manuscrito do Cancioneiro, nele projecta vícios e inquietações, ao mesmo tempo que se debate com segredos íntimos nunca revelados. Tem ao seu serviço Giovanni Malpaghini, o copista de excepção que transcreveu os 24 livros das cartas *Familiare*s e parte do Cancioneiro, mas que o abandona de chofre, deixando-o entregue à sua solidão e a um manuscrito que levará a bom termo pelo seu próprio punho.

O fio condutor da história biográfica contada em *L'amoroso pensiero. Petrarca e il romanzo di Laura* é a elaboração do Cancioneiro. Tendo em linha de conta que esta obra ganha existência como recolha orgânica no final da década de 1340, é o último quartel da vida do poeta (Arezzo, 1304 - Pádua, Arquà, 1374) a ser privilegiado, sendo o anterior período objecto de alusões remissivas. O livro divide-se em duas partes, «Il primo Canzoniere» e «L'ultimo Canzoniere». A primeira fase de elaboração recobre cerca de uma década, até 1358, e é indirectamente documentada através das redacções sucessivas, na medida em que a recolha vai sendo construída por adição. A segunda estende-se até ao fim da vida de Petrarca.

A escrita de Santagata é ritmada por uma sintaxe essencial e as citações, na sua maior parte tiradas do Cancioneiro, são abundantes, de forma a colocar o texto literário em primeiro plano, fazendo dele, ou melhor, das palavras de amor, o motivo condutor que sustém a narrativa. Para que o leitor menos familiarizado com a linguagem de Petrarca possa acompanhar o discurso, é apresentada em rodapé uma paráfrase explicativa de cada uma das composições ou dos passos em verso citados. Trata-se do único aparato que figura na página. Por sua vez, os excertos em latim são transcritos em tradução italiana. As notas, que não são bastas, são remetidas para uma secção final. Incidem exclusivamente sobre as fontes dos textos citados, ora dando as referências dos passos de Petrarca que sustém certas afirmações, ora transcrevendo os originais latinos. No final, é apresentada uma bibliografia sintética e uma cronologia da vida de Petrarca.

Apesar de este livro incorporar o saber e a erudição acumulados por Marco Santagata durante longos anos de estudo, é dispensado qualquer tipo de *jargon* crítico e filológico. Quando no V capítulo da primeira parte se propõe, porém, explicar como surgiu a subdivisão do Cancioneiro em duas partes, sem dispensar a explicitação de alguns pormenores filológicos, o seu autor quase parece enveredar por essa via com renitência, preparando o leitor para tal através do título que dá à secção: «Piccola premessa filologica» (p. 122).

A coroar a apresentação de um percurso que sobrepõe a vida de Petrarca e a elaboração do Cancioneiro, uma reflexão final que esclarece a relação entre história e ficção. Se o leitor se deixou seduzir pelo afloramento de alguns elementos fantasia, que se desiluda: «non dobbiamo appellarci alla biografia dell'autore, che altre sono le istanze che hanno guidato la sua penna» (p. 200), pois «vita e letteratura si travasano l'una nell'altra. Nemmeno Petrarca avrebbe potuto giurare quale fosse la più vera» (p. 201). A biografia e o vivido revertem afinal no literário e no seu valor. É nesse *quid* que se instaura o fascinante efeito Petrarca.

RITA MARNOTO

*rmarnoto@fl.uc.pt*

*Faculdade de Letras / Colégio das Artes da Universidade de Coimbra*